

DA EXTENSÃO À PESQUISA: UM RETORNO AOS DIÁRIOS DE BORDO

GIULIANA BAZARELE MACHADO BRUNO¹; CLAUDIA MARIZA MATTOS
BRANDÃO²

¹Universidade Federal de Pelotas – giulianabmb@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – clauummattos@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Estou propondo nesse texto uma discussão sobre as práticas desenvolvidas durante participação como bolsista de extensão no projeto Curso de Fotografia com Câmara Obscura entre os anos 2014, 2015 e 2016. Os resultados aqui analisados estruturam a proposta do pré-projeto de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes (UFPEl 2023), vinculadas à linha “Educação em Artes e Processos de Formação Estética”, com concentração em “fotografia analógica e digital”, sob orientação da Profa. Dra. Cláudia Mariza Mattos Brandão, atuando também como pesquisadora do PhotoGraphein - Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPEl/CNPq).

O curso tinha como objetivo, trabalhar a linguagem da fotografia como expressão, partindo do conhecimento do fenômeno óptico de formação da imagem e da prática de obtenção de registros com Câmara Obscura, aplicados a técnica de Pinhole. “A fotografia com câmara obscura é um método simples de obtenção de imagens fotográficas, no qual não se utilizam dispositivos óticos. Qualquer objeto oco, encontrado ou construído, pode ser transformado em câmara e obter imagens” (ANGELI, 1999).

Enquanto aluna, sempre foi de meu interesse os processos que permeiam a fotografia, seja ela analógica ou digital, estar envolvida com o projeto nessa área me deu oportunidade de adentrar as escolas conhecer uma rede de professores de arte e de outras áreas. Durante o percorrer do curso, foi possível explorar as variadas áreas as quais a fotografia depende para se concretizar, para além dos registros, foram surgindo também alguns questionamentos e contribuições significativas por parte de professores que acompanhavam seus alunos durante o projeto.

Essas trocas foram essenciais para dar continuidade ao tema que escolhi para escrever em 2019, o meu Trabalho de Conclusão de Curso, no qual trato da importância da extensão universitária. Reflito sobre como tais atividades colaboram diretamente em nossa formação e abrem portas em espaços os quais podemos ter um vasto campo de pesquisa. A banca avaliadora de meu trabalho me trouxe outras grandes contribuições que me cativaram a prosseguir pesquisando, contribuindo, portanto, ao ingresso no PPGAV.

2. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do curso, primeiramente eram contatadas escolas da rede pública de ensino onde eu fazia a apresentação do projeto e proposta do curso. Logo que ocorria o aceite da escola e/ou instituição, marcávamos dias e

horários. Eram necessários pelo menos quatro encontros para o desenvolvimento das atividades (Figura 1). Nos dois primeiros encontros eram ministrados os conteúdos teóricos, primeiramente fazendo uma apresentação, tratando da história da fotografia, a relação do fenômeno de formação da imagem até seu advento.

No segundo encontro eram trazidos exemplos de trabalhos desenvolvidos com a técnica, assim como artistas que utilizam da Pinhole na contemporaneidade, relacionando a técnica com o funcionamento das câmeras tecnológicas atuais, que partem do mesmo princípio. Ao fim do segundo encontro também eram apresentados documentários, textos complementares para auxiliarem na discussão sobre as mudanças da imagem ao longo dos tempos.

No terceiro encontro, de forma presencial, é chegada hora dos alunos confeccionarem câmaras obscuras artesanais com objetos trazidos pelos mesmos. As câmaras recebiam em seu interior papel fotográfico (que é o material fotossensível utilizado para os registros) e depois, em um laboratório fotográfico itinerante, que pode ser montado improvisado em alguma das dependências do local, era o momento onde se realizam as revelações por meio de químicos, as quais obtemos os negativos, posteriormente digitalizados afim de fazermos a inversão horizontal (rebatimento) e a inversão de cor dessas imagens, para assim obtermos o resultado positivo dos registros.

O último encontro era reservado para a apresentação e análise dos resultados obtidos, encerrando o curso com uma discussão sobre todo o percurso e etapas necessárias para obtermos registros, tais como o primeiro registro obtido pelo homem.



Figura 1: Etapas do Projeto de Extensão Curso de Fotografia com Câmara Obscura.
Fonte: Acervo pessoal.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados eram apresentados em formato digital, porém os alunos tinham a liberdade de levar consigo os negativos originais de seus registros obtidos. Muitas foram as discussões sobre os resultados. Em quase todos os lugares que ministrei o curso, os alunos ficavam muito satisfeitos em conhecer o fenômeno de formação da imagem, um processo físico-químico atrelado ao comportamento da luz.

Ele remete ao funcionamento do olhar humano, encaminhando a compreensão sobre a importância da parte histórica, dos nomes envolvidos no advento de desenvolvimento da fotografia. Os participantes ficavam curiosos quanto às etapas de abastecimento com material fotossensível e a revelação, através da reação de produtos químicos em contato com o nitrato de prata do papel fotográfico, o que geralmente encanta a todos. E isso contempla a discussão proposta por FLUSSER; VILÉN (1983):

O caráter mágico das imagens é essencial para a compreensão das suas mensagens. Imagens são códigos que traduzem eventos em situações, processos em cenas. Não que as imagens eternizem eventos; elas substituem eventos por cenas. E tal poder mágico, inerente à estruturação plana da imagem, domina a dialética interna da imagem, própria a toda mediação, e nela se manifesta de forma incomparável. (FLUSSER; VILÉN; 1983)

Na maioria dos grupos atendidos, os alunos compreenderam tranquilamente como ocorrem todas as etapas. Guardei em meus diários de bordo relatos dos alunos que me impulsionaram a prosseguir, a exemplo da vez que atendi uma turma do terceiro ano do ensino médio, e um aluno me disse que se não fosse o curso ele teria errado uma questão do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), tratando da ordem de revelação por meio de químicos. Também tive a oportunidade de trazer algumas turmas participantes ao Centro de Artes da UFPel, durante o encerramento de um dos cursos, os alunos em uma visita ficaram encantados com o prédio, com as obras espalhadas dentro do Centro, uma aluna disse que não via a hora de terminar o ensino médio, que era lá que ela queria estudar, eis o papel da extensão, que é de aproximar alunos e ou pessoas da comunidade da nossa Universidade Pública Federal.

4. CONCLUSÕES

Para concluir esse texto, trago uma frase dos meus descritos em diários de bordo, quando uma aluna disse: “o incrível é ver do invisível se formar uma imagem única”. Esse dizer me impulsionou e fez com que eu tivesse o interesse em me aprofundar na pesquisa sobre a imagem, da sua origem à popularização.

Percebi que o fenômeno óptico de formação da imagem fotográfica possibilita a instauração de discussões acerca de como na atualidade estamos todos sendo afetados por uma enorme quantidade de imagens, e de como isso acontece mediante espectadores passíveis às mensagens visuais. Essa realidade apática frente às imagens que nos circundam afeta sobremaneira o seu desvelamento, ou seja, o entendimento das mensagens oriundas de seus produtores.

Retomar as anotações nos diários de bordo das minhas experiências, mais do que proporcionar a análise dos resultados imagéticos me possibilitou identificar questões mais amplas e importantes para pensarmos sobre o mundo em que vivemos. Dentre tantos relatos, resgatei alguns de professores, que ao acompanharem o curso tiveram a grata surpresa de encontrarem outros modos de explicar certos conteúdos, unindo diferentes áreas através de exemplos citados durante as atividades. Um professor de física me relatou que não havia pensado antes, na possibilidade de utilizar a câmara obscura para mostrar aos alunos na prática, o funcionamento do olho humano e os efeitos da refração da luz.

Através dessas experiências identifiquei uma marca peculiar, a possibilidade do exercício da multidisciplinaridade que a fotografia oferece. Seja do processo de formação da imagem, ou da análise das imagens resultantes, com suas distorções peculiares, retirei o embasamento necessário para o desenvolvimento do projeto de pesquisa apresentado ao PPGArtes.

Analisando os relatos e as diferentes percepções obtidos através dos cursos ministrados, identifico a possibilidade de criar novas conexões e oportunidades reflexivas que estimulem mudanças na percepção do mundo ao redor, inclusive, na concepção de possibilidades pedagógicas para a utilização da fotografia em processos de educação estética. Os resultados de tais práticas oferecem a possibilidade da obtenção de resultados únicos, poéticos, subjetivos, de acordo com a criatividade e interesse de cada pessoa. Além disso, elas abrem um espaço para discussão acerca da imagem e de como estamos nos afastando de sua origem, esquecendo e guardando momentos que deveriam estar em nossos imaginários, e lembranças, mas, que estão cada vez mais fadados a se perderem com o tempo indo parar nas redes ou em “nuvens”.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

FLUSSER, Vilén. **A Filosofia da Caixa Preta**. São Paulo: Hucitec, 1985

Tese/Dissertação/Monografia

ANGELI, Juliana Corrêa Hermes. **Passagens: o registro de fluxos de tempo**. Porto Alegre, 1999. 52p. Projeto de Graduação, Instituto de Artes - Departamento de Artes Visuais/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

Resumo de Evento

BRUNO, Giuliana Bazarele Machado; SENNA, Nádia da Cruz; ANGELI, Juliana Corrêa Hermes. Curso de Fotografia com Câmara Obscura. In: BUSSOLETI, Denise; PIVA, Evandro e OLIVEIRA, Carlos (Orgs.). **III CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA DA UFPEL**, Anais CEC 2016. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/files/2016/12/CULTURA-2016-.pdf> ; do 3º Congresso de Extensão e Cultura da UFPEL, 2016. P.167-168-169.